



**EXPRESSÕES**

**GEOGRÁFICAS**

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

[www.geograficas.ufsc.br](http://www.geograficas.ufsc.br) ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

**(RE)CONHECENDO O EXTREMO OESTE BAIANO E PARTE DO ALÉM SÃO FRANCISCO:  
RELATÓRIO DE VIAGEM PROSPECTIVA**

**Nathan Belcavello de Oliveira<sup>1</sup>  
Gilvan Charles Cerqueira de Araújo<sup>2</sup>**

**Data da saída de campo: de 22 a 25 de julho de 2013**

**INTRODUÇÃO**

Este relatório sintetiza e sistematiza observações e impressões desdobradas da viagem realizada de 22 a 25 de julho de 2013 no interior do Estado da Bahia, em Municípios das mesorregiões do Extremo Oeste Baiano e do Vale do São Francisco Baiano. A viagem foi realizada pelos mestrados Nathan Belcavello de Oliveira e Gilvan Charles Cerqueira de Araújo, percorrendo rodovias federais, estaduais e estradas vicinais. Foram percorridos 2.992 km em 7 Municípios goianos, 18 baianos e 1 piauiense (vide mapa 1). No Estado da Bahia, a viagem cobriu uma área total de 114.162 km<sup>2</sup> aproximadamente, cerca de 20% da área territorial baiana, localizada na transição entre os biomas do Cerrado e da Caatinga.

O objetivo principal da viagem foi o (re)conhecimento empírico da mesorregião do Extremo Oeste Baiano, recorte espacial da pesquisa intitulada *“Uma nova Luís Eduardo está nascendo”*: análise da constituição do espaço urbano do Extremo Oeste Baiano para uma contribuição ao debate da criação de Municípios no Brasil, desenvolvida por Nathan Belcavello de Oliveira no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília, bem como da região baiana

---

<sup>1</sup> Geógrafo e Analista de Infraestrutura do Ministério das Cidades. Professor de Geografia do Magistério Público do Distrito Federal, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília (UnB); [belcavello@hotmail.com](mailto:belcavello@hotmail.com) / [nathan.oliveira@cidades.gov.br](mailto:nathan.oliveira@cidades.gov.br)

<sup>2</sup> Professor de Geografia do Magistério Público de São Paulo, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP-Rio Claro/SP); [gcca99@gmail.com](mailto:gcca99@gmail.com)

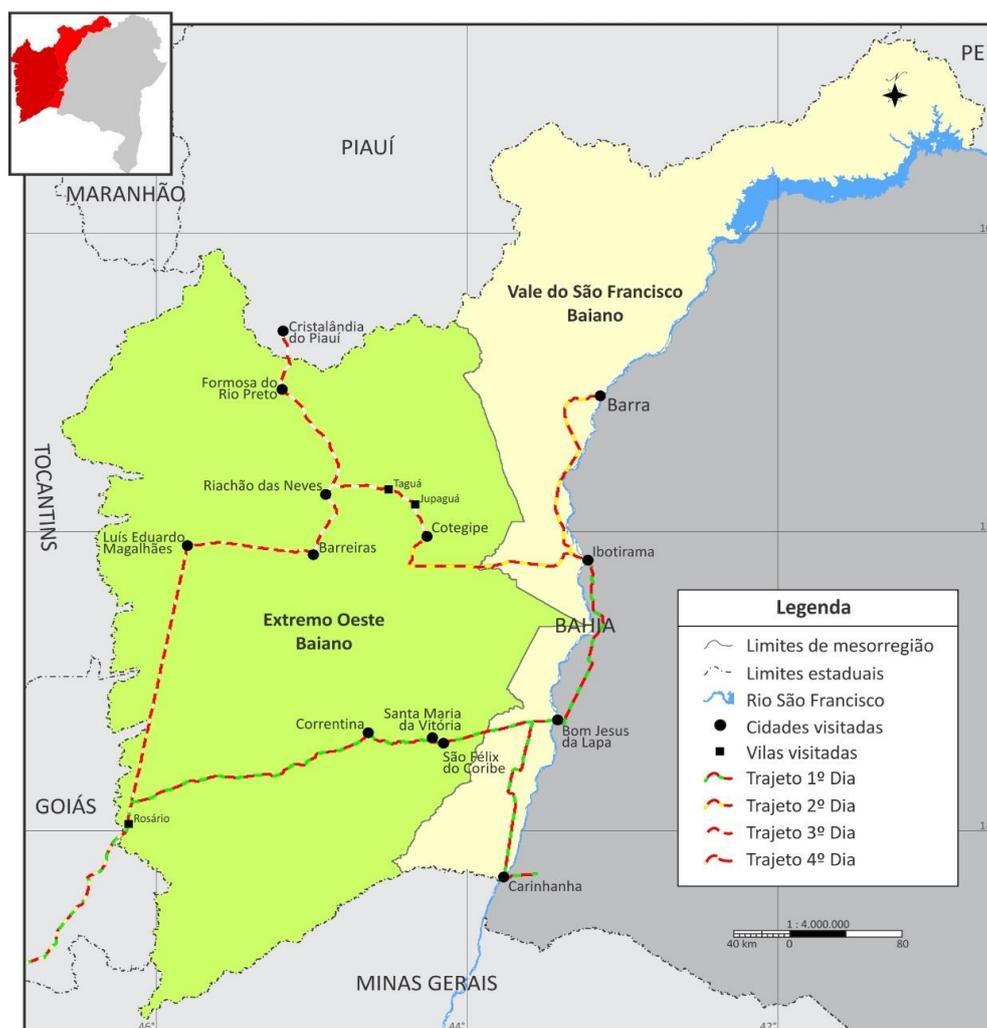


# EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

da margem esquerda do rio São Francisco. Toda essa região conformava a antiga Comarca do São Francisco, então parte integrante do território da capitania e depois província de Pernambuco. Especificamente havia o interesse de conhecer as Cidades de Barra, Barreiras, Carinhanha e Cotegipe, além da Vila de Taguá no Município de Cotegipe, que foi o primeiro núcleo urbano do Extremo Oeste Baiano e sede do Município de Campo Largo, extinto em 1925. Também se procurou contatos para obtenção de dados e informações adicionais, principalmente junto ao corpo docente do curso de Geografia da Universidade Federal do Oeste Baiano (UFOB), campus Barreiras.



**Mapa 1.** Mapa da viagem  
Fonte: Elaboração própria.



# EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

[www.geograficas.ufsc.br](http://www.geograficas.ufsc.br) ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

Optou-se por estruturar o presente relato de acordo com os dias da viagem, buscando apresentar da maneira mais próxima à realidade vivenciada na experiência de (re)conhecimento. Salienta-se que este relato não é, necessariamente, um documento puramente científico, ou seja, não expressa somente observações e impressões de um pesquisador. Aqui também se registra os sentimentos de viajantes e as experiências e impressões pessoais passadas durante a viagem.

## PRIMEIRO DIA – 22 DE JULHO DE 2013

Chegando com cerca de uma hora de atraso ao Alojamento de Estudantes de Pós-Graduação da UnB na Colina, devido a problemas técnicos e de planejamento, damos início à viagem por volta das 6 horas da manhã. Seguimos pela BR 020 até o Município de Posse, Estado de Goiás, parando em um posto de abastecimento por volta das 9 horas, onde fizemos um lanche. Este trajeto passa por um relevo mais movimentado, constituído por algumas serras que rodeiam a Chapada dos Veadeiros. Não se verificou qualquer dinâmica relacionada à produção agrícola, pelo menos próxima à rodovia que, por sua vez, permitia vislumbrar uma formação florestal próxima a do Cerrado típico (estrito senso), com árvores retorcidas e muitos arbustos (ROSS, 2000).



**Figura 1.** Divisa dos Estados de Goiás e da Bahia, com *outdoors* anunciando insumos, ferramentas e maquinários agrícolas e cursos de formação profissional

Fonte: Acervo fotográfico próprio, 22 jul. 2013.

Em Goiás, a rodovia apresentava um movimento não muito intenso, ultrapassando caminhões e



# EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

[www.geograficas.ufsc.br](http://www.geograficas.ufsc.br) ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

carretas mais ou menos a cada 20 minutos e tendo um tráfego de veículos no sentido contrário constante. Alguns pontos da rodovia apresentavam pavimento com ondulações e até alguns buracos, mas em geral a pista de rolamento apresentava boas condições de tráfego.

Saindo de Posse, Goiás, fomos até a divisa com a Bahia, entrando neste Estado pelo Município de Correntina. A divisa entre os Estados revelou uma verdadeira transição em termos de dinâmicas espaciais e também de paisagem. A divisa segue a crista das escarpas presentes entre os dois Estados. Logo na subida da escarpa estão presentes uma série de *outdoors* anunciando insumos, ferramentas e maquinários agrícolas, sua comercialização, bem como propagandas de hotéis e de lojas de material de construção (vide figura 1).

Ressalta-se os nomes que remetem a elementos da região Sul do país, tal como o *Hotel Medianeira* – nome de um Município do Estado do Paraná; o *Hotel Schiavini* – sobrenome de origem europeia, provavelmente de família italiana chegada ao Brasil pelo sul, *Agrosul* – fazendo alusão clara à região Sul do país, uma vez que esta divisa está a oeste da Bahia<sup>3</sup>. Também ficou patente a importância do agronegócio e seu peso na dinâmica espacial da região em que estávamos entrando.



**Figura 2.** Concessionária de maquinário agrícola  
Fonte: Acervo fotográfico próprio, 22 jul. 2013.

<sup>3</sup> Para melhor conhecimento sobre o tema, vide Haesbaert (1997).



# EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

[www.geograficas.ufsc.br](http://www.geograficas.ufsc.br) ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

Logo que passamos a fronteira, deparamo-nos com um núcleo urbano em pleno processo de constituição. Este era constituído por alguns estabelecimentos comerciais vinculados à prestação de serviços automotivos – posto de combustíveis, oficinas e borracharias; à venda de insumos e maquinário agrícolas e silos para armazenamento da produção (figura 2); o *Hotel Schiavini* – com um prédio aparentemente novo e com instalações com certo grau de conforto; e algumas casas já conformando um arruamento, mesmo que ainda sem pavimentação.

Mas qual não foi a surpresa e, ao mesmo tempo, perplexidade ao vermos o *outdoor* que estava lindeiro à rodovia anunciando o loteamento *Primavera do Oeste*, presente na figura 3. Como pode ser lido, o anúncio faz menção explícita ao Município de Luís Eduardo Magalhães, criado em 2000 após emancipação do distrito de Mimoso do Oeste do Município de Barreiras.



**Figura 3.** *Outdoor* com anúncio do loteamento Primavera do Oeste no distrito de Rosário, Município de Correntina, BA  
Fonte: Acervo fotográfico próprio, 22 jul. 2013.

Sentimo-nos reconfortados já com esta primeira constatação de que o processo de constituição do espaço urbano na região ainda permanecia em ebulição, muito provavelmente vinculado à dinâmica espacial imposta pelo agronegócio. Isso confirmava a opção por realizar a pesquisa sobre criação de Municípios tendo como recorte espacial o Extremo Oeste Baiano, indicada pelo professor Fernando Luiz Araújo Sobrinho, orientador na pesquisa.



## EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC  
www.geograficas.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

Além do *outdoor* disponível na figura 3, os empreendedores do loteamento distribuíram cartazes com frases de impacto (vide figuras 4 a 9) nos arruamentos já abertos – inclusive com algumas ruas já com pavimentação asfáltica e rede de energia elétrica. Também outros *outdoors* fazendo menção a empreendimentos a serem construídos no loteamento, bem como alguns parquinhos onde não há nem casas construídas ainda).



Figuras 4 a 9. Cartazes com frases de impacto no loteamento Primavera do Oeste  
Fonte: Acervo fotográfico próprio, 22 jul. 2013.



# EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

[www.geograficas.ufsc.br](http://www.geograficas.ufsc.br) ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

No momento em que observamos esses elementos no loteamento, vislumbramos uma clara exemplificação da intencionalidade proposta àquela fração do espaço, numa clara tentativa de materializar um futuro ainda concebido e explícito nos anúncios estrategicamente colocados no loteamento, de maneira a induzir sua dinâmica espacial (SANTOS, 2002 e OLIVEIRA, 2013). Abordagem que, com certeza, será aprofundada na pesquisa em desenvolvimento, especialmente na análise da dinâmica espacial contemporânea.

A ideia inicial era seguir pela BR 020 até Barreiras. Contudo, após esse achado tão especial logo na entrada da região, optamos por ir até a Cidade de Correntina para aferir a dinâmica espacial daquela fração de espaço urbano dentro do mesmo Município. Dessa maneira, deixamos a BR 020 e seguimos pela BA 349 até a Cidade de Correntina. A rodovia estadual era um pouco mais estreita que a federal, mas, muito provavelmente, havia passado por manutenção recente, tendo uma pavimentação muito boa e com sinalização nova.



**Figura 10.** Fardos de algodão arbóreo no campo  
Fonte: Acervo fotográfico próprio, 22 jul. 2013.

Ao contrário do trajeto em Goiás, até mesmo numa rodovia secundária, como a que estávamos, era patente a dinâmica espacial proporcionada pelo agronegócio, ali caracterizado principalmente pela produção de algodão arbóreo. Naquele momento vimos o final do processo de colheita do algodão, com enormes fardos cilíndricos distribuídos no solo exposto (vide figura 10). Também havia outra cultura plantada pelo sistema de pivô central de irrigação, que identificamos como sendo soja.



# EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

[www.geograficas.ufsc.br](http://www.geograficas.ufsc.br) ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

Além das plantações, saltava aos olhos a infraestrutura disponível, como armazéns, silos, linhas de alta tensão e subestação de energia elétrica, distribuídos no território (vide figura 11). Toda essa infraestrutura instalada, bem como os *outdoors* que não cessavam de anunciar insumos agrícolas, conformava uma configuração territorial completamente oposta à observada a menos de 50 quilômetros de distância atrás, no Estado de Goiás. Era patente a mudança na conformação florestal, com a presença de espécies arbóreas e arbustivas típicas do Cerrado, normalmente dispostos em poucos trechos lindeiros à rodovia e a presença de grandes árvores – provavelmente eucaliptos – rodeando edificações e estradas vicinais.



**Figura 11.** Armazém à margem da BA 349

Fonte: Acervo fotográfico próprio, 22 jul. 2013.

Todavia, quanto mais íamos atravessando o Município de Correntina em direção à sua sede, mais rarefeita ficava a infraestrutura, menor a dinâmica espacial verificada até então e maior a presença da vegetação nativa do cerrado, que começava a claramente se mesclar com os arbustos espinhentos típicos da Caatinga.

Chegamos à Cidade de Correntina por volta do meio-dia. Ao contrário do que vimos no distrito de Rosário, a sede do Município apresentava uma dinâmica espacial menos vigorosa, mas, mesmo assim, vinculado à produção agrícola, pois havia uma movimentação considerável de ônibus e outros veículos transportando trabalhadores agrícolas e também mercadorias da cidade, provavelmente, para as fazendas próximas. Tratava-se de uma cidade com ocupação mais antiga.

**EXPRESSÕES****GEOGRÁFICAS***REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC*[www.geograficas.ufsc.br](http://www.geograficas.ufsc.br) ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

Seu núcleo histórico ocupava a margem direita do rio Correntina (ou das Éguas), dispondo de um arruamento estreito e tortuoso, com casas com pé direito mais baixo e fachada com porta de entrada diretamente para a rua.

Era possível perceber que o rio até um passado próximo foi a principal via de comunicação do núcleo urbano, mesmo sendo relativamente raso. Um prédio – provavelmente de um mercado municipal construído bem ao lado do rio – apresentava rampas de acesso, conforme se pode ver na figura 12. Além disso, a praça central e a igreja estavam dispostas de frente para o rio, fato que se aferiu em todos os núcleos urbanos de ocupação mais antiga na região, demonstrando a importância que a rede fluvial representou para a ocupação deste território. No caso de Correntina, essa importância como via de comunicação foi transpassada para o lazer e o turismo, pois havia instalado nas margens do rio uma série de equipamentos para prestação de serviço desta natureza, tal como pousadas e bares, e certa urbanização “cenográfica” típica de orlas turísticas.



**Figura 12.** Mercado municipal e rampa de acesso ao rio Correntina (ou das Éguas)  
Fonte: Acervo fotográfico próprio, 22 jul. 2013.



# EXPRESSÕES

# GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

[www.geograficas.ufsc.br](http://www.geograficas.ufsc.br) ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES



**Figura 13.** Casa de fim de semana na beira-rio da margem esquerda do rio na Cidade de Correntina  
Fonte: Acervo fotográfico próprio, 22 jul. 2013.

Também verificamos a existência de algumas casas luxuosas construídas na beira-rio da margem esquerda do rio, aparentemente fechadas, tratando-se, muito possivelmente, de residências de veraneio ou de fim de semana dos produtores da região (figura 13). Almoçamos em Correntina e seguimos pela BA 349 passando pelas Cidades de Santa Maria da Vitória e São Félix do Coribe (chamou-nos a atenção como o nome Félix, assim como a menção ao santo é recorrente em toda essa região).

Santa Maria da Vitória e São Félix do Coribe são cidades gêmeas separadas pelo rio Corrente, que se apresenta mais caudaloso e com profundidade que, com certeza, permitiu o tráfego de barcos maiores. Percebe-se que Santa Maria da Vitória, na margem esquerda do rio, é o que possui a ocupação mais antiga, apresentando a configuração de arruamentos mais tortuosos e com a igreja voltada para o rio e com uma área central ampla de acesso ao mesmo, inclusive com escadarias bem largas. O mesmo não se observou na Cidade de São Félix do Coribe, sede do Município emancipado em 1989 de territórios desmembrados de Santa Maria da Vitória e Coribe.

Seguimos viagem pela BA 349 até o Município de Serra do Ramalho, onde pegamos a BA 161 em direção a Carinhanha. No trajeto da rodovia em Serra do Ramalho, passamos por uma série de Colônia Agrícolas implantadas na região pelo governo estadual na década de 1980 – conforme nos



# EXPRESSÕES

# GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

[www.geograficas.ufsc.br](http://www.geograficas.ufsc.br) ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

relatou posteriormente o professor Doutor Paulo Roberto Baqueiro Brandão da UFOB, que passou sua infância em uma das colônias – dando origem ao Município. Era possível detectar plantações principalmente de banana ao longo da rodovia.



**Figura 14.** Escadaria ligando o rio São Francisco à Cidade de Carinhanha, com ponte entre Carinhanha e Malhada recém-construída ao fundo

Fonte: Acervo fotográfico próprio, 22 jul. 2013.

Em Carinhanha (figura 14) nos encontramos com o rio São Francisco pela primeira vez na viagem já no final da tarde. A cidade apresentava forte vínculo com o rio, com uma ampla área de porto, duas amplas escadarias, sendo que uma ligava o “porto” à praça central, novamente com a igreja de frente para a margem do rio. É interessante verificar que as construções demonstram que esta foi a ocupação mais antiga visitada até então na viagem.

Ao lado da cidade havia uma ponte recém-construída no rio São Francisco ligando os Municípios de Carinhanha e Malhada. Seguimos até Malhada, procurando uma alternativa para ir a Bom Jesus da Lapa pela margem direita do São Francisco, mas fomos informados que a rodovia deste lado não estava pavimentada. Abastecemos o carro e optamos por voltar pela BA 161 até a BA 349 e seguir até Bom Jesus da Lapa.

Em Bom Jesus da Lapa jantamos por volta das 21 horas. Esta cidade apresenta uma economia muito ligada à peregrinação católica ao santuário existente ao lado de um morro testemunho na margem

**EXPRESSÕES****GEOGRÁFICAS***REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC*[www.geograficas.ufsc.br](http://www.geograficas.ufsc.br) ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

direita do rio São Francisco. Há uma ampla rede de hotéis e pousadas para os peregrinos, bem como um conjunto expressivo de comércio ambulante com produtos relacionados ao catolicismo.

Decidimos seguir viagem para dormir o mais próximo possível de Barra. Pegamos a BA 160 seguindo para o norte, em direção ao Município de Barra, passando pelo Município de Paratinga. Neste trajeto encontramos um tronco atravessado na rodovia, impedindo parcialmente a passagem. Como a estrada estava aparentemente deserta, passamos pela contramão sem parar, uma vez que esta poderia ser uma estratégia para um possível assalto. Resolvemos parar na Cidade de Ibotirama já na madrugada do dia 23, onde pernoitamos.

#### **SEGUNDO DIA – 23 DE JULHO DE 2013**

Acordamos por volta das 8 horas da manhã. Tomamos o café da manhã na pousada, com direito a pratos bem típicos da região, tal como cuscuz e mandioca cozida. Já era mais de 9 horas quando pegamos a BR 242, atravessando novamente para a margem esquerda do rio São Francisco, entrando no Município de Muquém do São Francisco. Voltamos a seguir pela BA 161 até a Cidade de Barra. Neste trecho da rodovia a paisagem já se apresentava com a cobertura florestal típica da Caatinga, com abundância de arbustos espinhentos (ROSS, 2000), mas com uma folhagem verde, com certeza devido à proximidade ao rio São Francisco.

A pavimentação da rodovia estava conservada, mas nos mais de 150 km que percorremos, cruzamos no máximo com 5 ou 6 veículos. Ficamos preocupados com o combustível do veículo, pois não abastecemos em Ibotirama, uma vez que ainda havia mais de meio tanque. Contudo, conseguimos abastecer na vila de Igarité, sede do distrito homônimo do Município de Barra, a meio caminho entre a BR 242 e Barra.



# EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

[www.geograficas.ufsc.br](http://www.geograficas.ufsc.br) ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES



**Figura 15.** Mercado municipal da Cidade de Barra, com detalhe para o ano de construção  
Fonte: Acervo fotográfico próprio, 23 jul. 2013.

Já próximos à Cidade de Barra, cruzamos o rio Grande por volta do meio-dia. Assim como Carinhanha, a configuração territorial da cidade demonstrava sua ocupação mais antiga. Além disso, era patente no conjunto arquitetônico que a cidade teve uma importância singular na região, possivelmente no período em que as comunicações e o transporte se davam pelos rios (vide figura 15). Este foi o primeiro núcleo urbano da margem esquerda do rio São Francisco quando o território ainda pertencia a Pernambuco, daí o interesse em conhecê-lo.

Almoçamos na cidade e, por volta das 14 horas, resolvemos voltar pela BA 161 até a BR 242 e seguir para o Município de Cotegipe, com o objetivo de ir até a vila de Taguá. Na BR 242 passamos pelos Municípios de Wanderley e Cristópolis. Neste último, pegamos a BA 449 até a Cidade de Cotegipe.

Chegamos a Cotegipe no final da tarde. A cidade nos causou estranheza. O que era, aparentemente, a área central do núcleo urbano era constituído por alguns galpões em uma praça que abrigava algumas estruturas de uma possível feira (figura 16). Não conseguimos localizar a igreja católica da cidade. Uma configuração territorial distinta da verificada até então nos demais núcleos urbanos visitados.



# EXPRESSÕES

# GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

[www.geograficas.ufsc.br](http://www.geograficas.ufsc.br) ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES



**Figura 16.** Área central da Cidade de Cotegipe  
Fonte: Acervo fotográfico próprio, 23 jul. 2013.

A Cidade de Cotegipe virou sede do Município depois que o território voltou a ter autonomia em relação à Angical, após a extinção do Município de Campo Largo, que tinha como sede a atual vila de Taguá. Como a cidade possuía somente uma pequena pousada e o trecho da rodovia BA 449 que ia até a vila de Taguá não era pavimentada, achamos conveniente pernoitar em Cotegipe para no dia seguinte ir cedo para Taguá.

### **TERCEIRO DIA – 24 DE JULHO DE 2013**

Acordamos por volta das 6 horas, comemos numa lanchonete no posto de combustíveis, onde uma fila se formava na espera da abertura da Casa Lotérica localizada no posto, único ponto bancário da cidade.

Seguimos pelo trecho não pavimentado da BA 449 até a vila de Jupaguá (figura 17), no distrito homônimo do Município de Cotegipe, aonde chegamos por volta das 9 horas. Para nosso espanto, a igreja da vila estava de costas para o rio Grande. Mesmo apresentando um casario antigo, a vila tinha um arruamento mais largo e, aparentemente, melhor organizado.



# EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

[www.geograficas.ufsc.br](http://www.geograficas.ufsc.br) ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES



**Figura 17.** Igreja da vila de Jupaguá, Município de Cotegipe, construída de costas para o rio Grande  
Fonte: Acervo fotográfico próprio, 24 jul. 2013.



**Figura 18.** Assentamento rural isolado na BA 449 entre as vilas de Jupaguá e Taguá, Município de Cotegipe  
Fonte: Acervo fotográfico próprio, 24 jul. 2013.

A passagem pelo rio foi feita por balsa, que cobrou R\$ 8,00 para nos atravessar com o carro. Os balseiros disseram que por dia não atravessam mais que 5 veículos, normalmente no sentido oposto do que estávamos indo, ou seja, da vila de Taguá para a Cidade de Cotegipe. Devido à travessia por balsa, afirmaram que os moradores de Taguá tinham mais contato com a Cidade de Riachão das Neves, mesmo porque o trajeto era por volta de 5 km menor. No caminho a Taguá pela BA 449 observamos alguns assentamentos rurais bem isolados (figura 18).



# EXPRESSÕES

# GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

[www.geograficas.ufsc.br](http://www.geograficas.ufsc.br) ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

Chegamos a Taguá por volta das 11 horas. A vila também apresentava um arruamento largo com casario antigo, mas que demonstra que no passado o núcleo urbano teve certa importância. De forma similar a outros núcleos urbanos de ocupação antiga, Taguá apresentava a igreja voltada para o rio Grande e um beira-rio com escadaria e uma área ampla de acesso à margem. A vila possui instaladas duas torres que uma moradora – que não se identificou – disse ser de retransmissão de sinal de televisão e celular, pois a vila estaria numa região mais elevada que o entorno. Contudo, a moradora também disse que o lugar não contava com nenhum sinal de celular. Paradoxos da modernidade materializados numa vila perdida no meio do campo.



**Figura 19.** Igreja da vila de Taguá, Município de Cotegipe, com as torres de retransmissão de televisão e celular ao fundo

Fonte: Acervo fotográfico próprio, 24 jul. 2013.

A vila de Taguá, então denominada Campo Largo, foi o primeiro núcleo urbano do que hoje é o Extremo Oeste Baiano e causa estranheza seu declínio ao ponto de deixar de ser sede municipal em 1925, substituído por Cotegipe e, inclusive, tendo seu Município incorporado ao de Angical entre 1931 e 1933 (figura 19). Talvez seja esse o episódio que marque a verdadeira mudança de período entre a constituição do espaço urbano sob a lógica de Pernambuco para uma estritamente baiana na região. Conversamos com a senhora Maria Josefina, que fazia a limpeza da igreja. A senhora aparentava ter mais de 80 anos e acreditamos ser uma possível fonte de informações sobre o local.



# EXPRESSÕES

# GEOGRÁFICAS

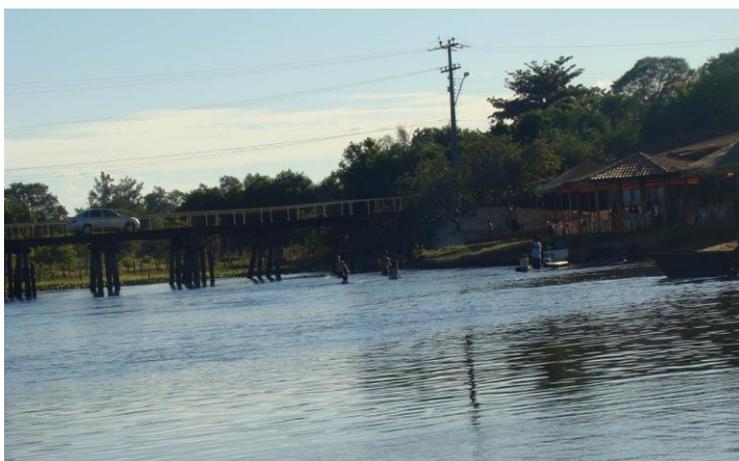
REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

[www.geograficas.ufsc.br](http://www.geograficas.ufsc.br) ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

Ela se recordava de ouvir, na sua infância, sobre a época em que o lugar se chamava Campo Largo, mas não soube dizer sobre o que motivou as mudanças ocorridas.

Próximo ao meio-dia, deixamos a vila de Taguá em direção ao Município de Riachão das Neves. A rodovia BA 449 neste trecho se misturava com uma série de estradas vicinais e tivemos certa dificuldade de chegar até a BR 135 já em Riachão das Neves. Alcançando a BR 135, paramos em um restaurante no posto de combustíveis da entrada da Cidade de Riachão das Neves e almoçamos. Depois seguimos a rodovia federal, passando pelos Municípios de Santa Rita de Cássia e Formosa do Rio Preto, até o Estado do Piauí, chegando à Cidade de Cristalândia do Piauí quase às 16 horas.

A BR 135 possuía pavimentação e sinalização adequada somente no trecho baiano. Ao entrarmos no Piauí a rodovia passou a apresentar buracos e ondulações no pavimento e a falta da sinalização pintada – faixas. Contudo, um *outdoor* na divisa dos Estados já demonstrava a intencionalidade para a região, anunciando o avanço do agronegócio para o Piauí.



**Figura 20.** Beira-rio da Cidade de Formosa do Rio Preto

Fonte: Acervo fotográfico próprio, 24 jul. 2013.

Voltamos pela BR 135 até a Cidade de Formosa do Rio Preto, aonde chegamos próximo das 17 horas. A configuração do núcleo urbano era similar ao dos demais de ocupação antiga, tendo a igreja voltada para o rio Preto e um casario antigo na área central. Assim como em Correntina, a beira-rio da cidade aparentava ter sido adaptada para o uso de lazer e turismo, possuindo bares e pousada



# EXPRESSÕES

# GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

[www.geograficas.ufsc.br](http://www.geograficas.ufsc.br) ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

(figura 20). Contudo, esta cidade apresentava uma dinâmica mais próxima com o agronegócio, com a presença constante de carretas para o transporte de grãos, bem como loteamentos com casas novas e em construção.

No final da tarde seguimos pela BR 135 passando pela Cidade de Riachão das Neves. Este núcleo urbano já apresentava uma configuração vinculada com a rodovia, sendo a avenida principal aquela que liga a cidade á estrada. De Riachão das Neves seguimos até a Cidade de Barreiras, chegando por volta das 20 horas e onde pernoitamos.

#### QUARTO DIA – 25 DE JULHO DE 2013

Após a palestra proferida por Nathan Belcavello de Oliveira – acerca da atuação do geógrafo no campo do planejamento urbano e no serviço público federal, a convite dos docentes do curso de Geografia da UFOB – apresentada e debatida das 10 horas ao meio-dia (vide figuras 21 e 22), os professores nos levaram para almoçar. Conversamos sobre a obtenção de algumas informações sobre a ocupação do território do Extremo Oeste Baiano na próxima viagem à região.



**Figura 21.** Prédios do campus da UFOB  
Fonte: Acervo fotográfico próprio, 25 jul. 2013.



# EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

[www.geograficas.ufsc.br](http://www.geograficas.ufsc.br) ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES



**Figura 22.** Palestra proferida na UFOB  
Fonte: Acervo fotográfico próprio, 25 jul. 2013.

Despedimos dos professores e fomos conhecer a Cidade de Barreiras. É uma cidade que mescla os dois tipos de configuração que observamos na região. Sua ocupação antiga fica patente próximo à área central, com um prédio que aparenta ter sido o Mercado municipal, a praça com a igreja voltada para o rio e uma área ampla de acesso ao rio Grande.

Contudo, a cidade é cortada pela BR 242, que passa por trás da igreja em plena área central. Há uma série de empresas de prestação de serviços automotivos – oficinas, lojas de autopeças, borracharias, entre outras – ao longo da rodovia convertida em avenida principal da cidade. Isso faz com que o tráfego de veículos no núcleo urbano seja denso praticamente o tempo todo, com a presença constante de carretas.

Abastecemos o carro e seguimos pela BR 020 até a Cidade de Luís Eduardo Magalhães. No trajeto, observamos a presença constante da produção de soja, café e também pecuária bovina. Chegamos a Luís Eduardo Magalhães por volta das 17 horas. A cidade possui amplas avenidas ainda com a presença esparsa de prédios e casas.

O Município foi criado com a emancipação do distrito de Mimoso do Oeste do Município de Barreiras em 2000. Sua criação infringiu determinação constitucional que impedia a criação de

**EXPRESSÕES****GEOGRÁFICAS***REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC*[www.geograficas.ufsc.br](http://www.geograficas.ufsc.br) ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

Municípios até a aprovação de lei federal com parâmetros para os Estudos de Viabilidade Municipal e o período de tramitação dos projetos nas Assembleias Legislativas.

É marcante a presença do agronegócio, com várias empresas de comercialização de insumos, ferramentas e maquinários agrícolas. Também ficou patente a presença da desigualdade social, com um grande assentamento com casas de alvenaria sem revestimento e infraestrutura aparentemente precária.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presença de uma dinâmica de expansão do agronegócio no oeste do Estado da Bahia foi o objeto de análise e motivação deste trabalho de campo. Histórica e geograficamente esta região à margem do grande rio São Francisco, possui uma importância com vigor de exploração ainda inestimável e de complexa mensuração quantitativa e qualitativa.

Este esforço de análise pertencente ao conhecimento geográfico, tendo em vista que a partir das características do espaço geográfico (territoriais, ambientais, sociais, econômicas, culturais e políticas) com suas múltiplas contradições, podem servir de foco para intensas e profundas investidas de questionamento, análise e compreensão da expressão espacial destes fenômenos.

Pretendemos realizar uma nova viagem, especificamente para visitar durante um período maior Luís Eduardo Magalhães e Barreiras. Com o Sol se pondo, retornamos para a BR 020 em direção a Brasília, finalizando essa primeira viagem prospectiva ao Extremo Oeste Baiano e ao Além São Francisco (figura 23).



# EXPRESSÕES

# GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

[www.geograficas.ufsc.br](http://www.geograficas.ufsc.br) ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES



Figura 23. Pôr do Sol na BR 020 no Município de Luís Eduardo Magalhães

Fonte: Acervo fotográfico próprio, 25 jul. 2013.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade**: a rede “gaúcha” no Nordeste. Niterói: UFF, 1997.

OLIVEIRA, Nathan Belcavello de. O Espaço Geográfico no prisma de Abbe: uma proposta de sistematização conceitual. In: ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de; OLIVEIRA, Nathan Belcavello de; KUNZ, Sidelmar Alves da Silva (org.). **Elementos de Teoria do Espaço Geográfico**. Brasília: ACLUG, 2013. p. 51-91.

\_\_\_\_\_. O rio, o gado e o sertão: a gênese pernambucana do Extremo Oeste Baiano. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 10., 2013, Campinas. **Anais...** Campinas: Anpege / UFGD, 2013. p. 1-12. 1 CD-ROM.

ROSS, Jurandyr Luciano Sanches (org.). **Geografia do Brasil**. 3. ed. São Paulo: USP, 2000.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: USP, 2002.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTOS FILHO, Milton (coord.). **O processo de urbanização no Oeste Baiano**. Recife: SUDENE-DPG / PSU-URB, 1989.